
Notícias

MUSEU NOGUEIRA DA SILVA

163

HOMENAGEM A MILY POSSOZ: EXPOSIÇÃO NO MUSEU NOGUEIRA DA SILVA (24 DE MAIO A 9 DE JUNHO DE 1990)

Pelo interesse da obra como pintura e como documento de uma época, foi da maior importância a "Exposição Homenagem a Mily Possoz" que as Empresas Hotéis Tivoli e Euroest Europa ofereceram ao público do Norte ao patrocinarem totalmente o catálogo e a exposição na Galeria da Universidade.

A pouca difusão de estudos sobre a Pintora, cujo interesse os portugueses parece terem redescoberto, como decorre dos valores alcançados pelas obras de Mily Possoz aparecidas nos leilões do ano e pela reacção tão positiva do público às imagens mostradas na Galeria da Universidade, justifica a publicação do texto que acompanhou a exposição formada por óleos sobre vidro, sobre tela, desenhos e aquarelas.

MILY POSSOZ

"A arte não tem sistemas tem emoções". "Quem vibrar a um aspecto da natureza e transmitir essa vibração produz uma obra de arte, use não importa qual processo"

Manuel Bentes

"... o fauvismo português dos anos 20 foi moderado na técnica e terno nos temas. Contribuiu para libertar a visão do naturalismo sem o hostilizar, porém".

Rui Mário Gonçalves



O programa sintetizado pelo Pintor coevo de Mily Possoz e as palavras de um dos mais interessantes críticos contemporâneos, apontam a obra e a época da Pintora: e dão-nos uma possível chave para o fascínio que no fim dos anos oitenta se tem sentido em Portugal e no resto da Europa por artistas e Obras que os últimos anos tinham relegado para uma forma de limbo.

O nosso fim de século é talvez ainda mais eclético que o anterior, e é também mais esclarecido devido à quebra de preconceitos quanto às Escolas e privilegia sobretudo a qualidade intrínseca e o individualismo. A emoção readquiriu força e assume de novo um lugar de privilégio, não como forma de neo-romantismo, mas como que um romantismo para o presente que já é futuro, numa época em que é difícil separar os dois, dado um devir histórico com uma rotação nunca antes experimentada pela humanidade. Ideologias e Escolas diluem-se, fica o Homem e a esperança.

Se por um lado o "fauvismo português dos anos 20 foi moderado na técnica e terno nos temas" realidade evidente de que as exceções seriam fortuitas talvez a explicação não possa apenas buscar-se no isolacionismo geográfico ou conjuntura histórica, e seja uma espécie de inércia volitiva inerente à contenção discreta, que se provinciana, poderá ser antes de mais uma forma de viver de um Povo que se afirmou primordialmente nas Artes, até há pouco chamadas de menores. Não será por acaso que na arquitectura o românico, o gótico ou barroco se definiram sem sobressaltos de comunidade, em que as "bravuras" são apenas exceções e a decoração toma um papel primordial.

Mily Possoz, portuguesa de Pais belgas, nasceu em Lisboa, em 1892. Mulher originária da burguesia esclarecida, estudou em Lisboa e frequentou os ateliers de Paris. Aí se fixou entre os anos de 22 a 27, pertencendo então ao grupo "Jeune Gravure Contemporaine". Em 1913 tinha já exposto com Alice Rey Colaço, no Salão da Ilustração Portuguesa, e participado no 2º Salão de Humoristas no Grémio Literário. A "sempre noiva" de Eduardo Viana expôs em 14 na SNBA com o Pintor de quem recebeu, naturalmente influências (visíveis por exemplo, na "Jarra com Flores" e no "Sobreiro" que agora se apresentam). Pertenceu à 1ª Geração de Modernistas em que acompanhou A. Soares, J. Barradas, Amadeo, Sta. Rita, e naturalmente, Viana.

A "Ilustração Portuguesa" renovada em 1921 por António Ferro, convidou Mily Possoz para a ilustração das capas, juntamente com Soares e Barradas. Colaborou ainda nos cenários e figurinos do Ballet Verde Gaio, fundado por António Ferro. No mesmo ano apareceu na revista do Porto "Dionysio" dirigida por Aarão de Lacerda onde, entre outros, trabalhou Almada Negreiros. Participou no ABC com Stuart e Bernardo Marques.

Em 1925 Viana organizou o Salão Nacional de Belas-Artes, em que Mily Possoz esteve de novo presente juntamente com Almada, Soares, Barradas, Sarah Afonso, Francis Smith, Alberto Cardoso e Eduardo Viana.

Pela obra de Mily Possoz perpassa um intenso lirismo e uma feminilidade elegante. A sua colaboração em "Verde Gaio"; onde foi tentada por uma

certa recuperação do que se convencionou ser a tradição portuguesa, aproxima-se de um ruralismo leve, estilizado mas nada real. Esse aspecto está patente em algumas das obras presentes na Galeria da Universidade, como a "Primavera" onde junta a um barro com uma figura de Estremoz duas de Barcelos.

A elegante feminilidade, acompanhada de uma profunda doçura está presente nos temas que escolheu e na forma terna como os tratou: janelas floridas, pássaros, flores e gatos, registos de um quotidiano doméstico da Mulher que apenas então se iniciava no mundo do trabalho externo. Essa doçura e esse pretense ruralismo estão também presentes na pincelada leve, na maior facilidade e frescura dos desenhos e aguarelas e num colorido que se dizia minhoto dos Trajes dos personagens.

A obra de Mily Possoz é alheia às modas, mas carregada de coerência e de um encanto onde ressalta uma profunda sensibilidade. Aparece com uma sedução com quem se gera uma imediata simpatia que traz a recordação de um tempo perdido mas reencontrado na poética de uma obra pictórica.

César Valença

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS DIREITOS DA CRIANÇA

(10 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 1990)



Díptico de Armanda Passos

Entre as exposições de pintura realizadas na primeira metade do corrente ano na Galeria da Universidade destaca-se a "Exposição Comemorativa do Quadragésimo Aniversário da Declaração dos Direitos da Criança", organização conjunta do CEFOPE e do Museu Nogueira da Silva que teve o patrocínio de Sua Ex^a o Embaixador de Portugal na UNESCO, Professor Doutor José Augusto Seabra, das Fundações Eng^o António Almeida e da Casa de Serralves. Esta exposição, que será levada ao Centro da UNESCO em Paris, teve a colaboração dos seguintes Artistas: Armanda Passos; Costa Pinheiro; José de Guimarães; Matilde Marçal; Júlio Pomar; Paula Rego; Júlio Resende; Emília Nadal e Manuela Bacelar.

167

Dado o interesse do acontecimento e dos textos inéditos que fizeram parte do catálogo generosamente oferecido pela Fundação Eng^o António de Almeida, pareceu útil a sua reprodução nas páginas da "Forum" dedicadas ao Museu, para uma melhor difusão de palavras tão pertencentes, como homenagem aos seus autores e, por último, mas não com menos intenção, às crianças cujos direitos são este ano comemorados.

OS DIREITOS DA CRIANÇA

Tornar-se pessoa é o primordial direito da criança que, no entanto, requer todos os outros. Do direito ao nome, à nacionalidade, à protecção dos

seus superiores interesses sociais e legais, a não ser discriminado, ao amor dos pais, à formação de opiniões e ideias, à liberdade de pensamento e religião, ao direito à consciência. É para garantir tudo isto que a criança tem direito à segurança social, a um nível de vida suficiente, a ser protegida contra a exploração económica, a brincar e ainda a um sistema educativo que favoreça o desenvolvimento da sua personalidade total, que contribua para que assuma uma vida responsável numa sociedade livre, plural e tolerante, que lhe facilite o desenvolvimento da identidade pessoal e cultural e a participação do mundo em que vive. Este tão vasto processo que em torno da criança se deve desenvolver para garantir a sua dignidade de pessoa não é um processo de enclausuramento, não pode encerrar a criança em si mesma, tem antes de abri-la ao mundo, facilitar-lhe a comunicação com a experiência e assim permitir que a criança de outrora seja hoje promotora dos direitos do homem e das liberdades fundamentais. Tornar-se pessoa é o primordial direito da criança.

O dobrar de um século é sempre tempo de reflexão.

Talvez também por isso o CEFOP da U.M., pensou realizar uma reflexão sobre a criança e a sua educação no inaugurar da década que faz a dobragem e assim lançou o Primeiro Congresso Nacional de Educação Infantil e Básica, onde os professores, investigadores e profissionais no terreno debatem temáticas, questões, finalidades da educação com vista a uma partilha de experiências de saberes, a uma como que avaliação da realidade actual e ao lançamento de perspectivas de futuro. Hoje, talvez mais do que nunca, temos a consciência da importância da mobilização social para a educação, da riqueza da participação da comunidade no projecto educativo. Talvez por isso a ideia de alargar as preocupações fundamentais do Congresso à comunidade mais vasta através de realizações culturais várias. Neste contexto como se impõe visitar os Direitos da Criança (no momento em que vários países estão já a lançar o novo texto da declaração).

Abre-se assim o texto à imagem e à palavra em leituras em que se quiseram entusiasmar alguns dos nossos grandes pintores e escritores. Este foi um processo de colaboração entre o CEFOP da U.M., o Museu Nogueira da Silva, a Casa de Serralves e a Fundação António de Almeida.

Hoje essas leituras são um património aberto à experiência de cada um que queira neste momento sentir e reflectir o que deseja para a criança do ano 2000, para o cidadão do próximo século.

Júlia Formosinho

EM LOUVOR DAS CRIANÇAS

Se há na terra um reino que nos seja familiar e ao mesmo tempo estranho, fechado nos seus limites e simultaneamente sem fronteiras, esse reino é o da infância. A esse país inocente, donde se é expulso sempre demasiado cedo, apenas se regressa em momentos privilegiados a tais regressos que se chama, às vezes, poesia. Essa espécie de terra mítica é habitada por seres de uma tão grande formosura que os anjos tiveram neles o seu modelo, e foi às crianças, como todos sabem pelos evangelhos, que foi prometido o Paraíso.

A sedução das crianças provém, antes de mais, da sua proximidade com os animais – a sua relação com o mundo não é a da utilidade, mas a do prazer. Elas não conhecem ainda os dois grandes inimigos da alma, que são, como disse Saint-Exupéry, o dinheiro e a vaidade. Estas frágeis criaturas, as únicas desde a origem destinadas à imortalidade, são também as mais vulneráveis elas têm o peito aberto às maravilhas do mundo, mas estão sem defesa para a bestialidade humana que, apesar de tanta tecnologia de ponta, não diminui nem se extingue.

O sofrimento dum criança é de uma ordem tão monstruosa que, frequentemente, é usado como argumento para a negação da bondade divina. Não, não há salvação para quem faça sofrer uma criança, que isto se grave indelevelmente nos nossos espíritos. O simples facto de consentirmos que milhões e milhões de crianças padeçam fome, e reguem com as suas lágrimas a terra onde terão ainda de lutar um dia pela justiça e pela liberdade, prova bem que não somos filhos de Deus.

De início falei de poesia é com ela que quero regressar ao reino da infância e pisar terreno mais de harmonia comigo:

Para que estrela estás crescendo,
filho, para que estrela matutina?
Diz-me, diz-me ao ouvido,
se é tempo ainda,
eu e essa nuvem, essa nuvem alta,
de irmos contigo.

Eugénio de Andrade
inédito

DA CRIANÇA QUE FUI

Em certas tardes, em certos dias, principalmente em dias de festa, no dia de Natal, no dia dos meus anos, procurava um sítio da casa longe de tudo (é tão difícil haver sítios longe de tudo, desaparecer dos outros!), ou fechava-me sozinho no quarto e chorava sem motivo. Depois alguém vinha bater à porta, e eu tinha que regressar. Limpava as lágrimas, ajeitava a cama, e voltava outra vez para o lado de fora de mim.

Ficava no meio das outras pessoas e do barulho das conversas como se nada tivesse acontecido, e sentia-me então estranhamente feliz, sabendo que era senhor de um reino único e inacessível onde só se podia entrar por uma porta onde ninguém, a não ser eu, cabia. E não percebia por que razão tinham as pessoas, sobretudo as pessoas mais velhas, tanto medo quando eu, por momentos, me refugiava dentro de mim. Sentia-me prisioneiro das suas perguntas, da sua preocupação, do seu cuidado, como se receassem que eu pudesse ficar agures, não sei onde, para sempre.

Acontecia o mesmo quando permanecia em silêncio, ou quando, de repente, o meu coração se enchia sem motivo de tristeza e abandono e eu me queria afundar docemente dentro do meu coração. Os outros arrancavam-me de dentro do meu coração com as suas perguntas, com as suas suspeitas, com intrusos olhares carregados de receios, puxando-me brutalmente para o meio deles.

O tempo ensinou-me aos poucos a defender melhor e mais secretamente a minha solidão, as minhas lágrimas. Durante muitos anos guardei essas lágrimas como um mistério que só eu, em qualquer lugar dentro de mim, conhecia, e com elas, e com a minha solidão, fui sabendo confusamente coisas profundas e imensas, que nenhuma escola pode ensinar, e sem cujo horror, sem cujo sombrio sangue, uma parte essencial de mim, da criança que eu fui e que provavelmente, e obscuramente, sou, não poderia viver. E à noite, antes de adormecer, em furtivas escapadas, aprendi aos poucos a refugiar-me sem pecado nos seus mistérios e nos seus abismos.

Manuel António Pina
inédito, 1990

BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA PÚBLICA
(MAIO/DEZEMBRO 1990)



José Saramago, "Um escritor apresenta-se", na companhia de José Manuel Mendes

O Salão Medieval, em 4 de Maio, repleto de assistência, foi um cenário digno de José Saramago, convidado para mais uma sessão de "Um escritor apresenta-se", na qual José Manuel Mendes fez uma breve introdução à sua obra.

Em 6 de Junho, no Museu Nogueira da Silva, a Biblioteca Pública deu início às comemorações do 1.º Centenário da Morte de Camilo Castelo Branco, através de uma conferência proferida pelo Dr. Manuel Simões sobre "Braga Camiliana".

Na cooperativa Novos Pioneiros, no dia 12 de Outubro, foi apresentada ao público por José Viale Moutinho a "Antologia Poética de João Penha", organizada por Francisco Duarte Mangas. Trata-se de uma edição

da Biblioteca Pública de Braga, que só se tornou possível mercê do apoio generoso da Livraria Minho. De destacar a capa de Amadeu Alvarenga.

A professora canadiana Denise Garon orientou um atelier de reflexão sobre "A Biblioteca do Quebec: um meio de animação educativa para adultos e crianças" que contou com a participação de muitos professores, educadores e funcionários de bibliotecas (MNS, 24 de Outubro).

De 30 de Outubro a 9 de Novembro esteve patente, no átrio do Salão Medieval, uma exposição bibliográfica da obra do Doutor Avelino de Jesus da Costa, que teve a colaboração do Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes (Ponte da Barca) e do Lions Clube de Braga.



Duplicações; uma leitura de poemas de Alberto Pimenta que a televisão transmitiu

"Duplicações" foi o título de uma leitura de poemas da sua autoria, feita por Alberto Pimenta no MNS, em 13 de Novembro.

No Instituto Monsenhor Airosa, integrada nas comemorações do Centenário de Camilo, o Doutor A. Costa Lopes proferiu uma palestra intitulada "Camilo e Braga: alguns aspectos" completada com a interpretação teatral de um texto de Ana Plácido (30 de Novembro).

Em 14 de Dezembro encerraram-se as actividades da Secção Infantil e Juvenil, com a distribuição de prémios do concurso de banda desenhada, que contou com a presença do ilustrador Arlindo Fagundes. A sessão foi completada com uma palestra proferida pelo dr.^a Marta Martins (CEFOP UM) com o título "O livro, esse sedutor".

Finalmente, em 27 de Dezembro, no prosseguimento das comemorações camilianas, foi inaugurada no átrio do Salão Medieval uma exposição

sobre "Camilo e S. Miguel de Ceide", organizada pelo Centro de Estudos Camilianos de V.N. Famalicão. A exposição era acompanhada com a reprodução fotográfica de páginas de jornais em que Camilo colaborou e com uma componente bibliográfica.

No decorrer de 1990 a Secção Infantil e Juvenil promoveu a realização de 320 sessões diversas (hora do conto, hora de leitura, fantoches e audiovisuais), destinadas a alunos das escolas bracarenses, que atraíram à biblioteca cerca de 11 mil crianças.

Henrique Barreto Nunes

